



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - FACS
CURSO: PSICOLOGIA**

REFLEXÕES SOBRE O LUTO E AS RELAÇÕES OBJETAIS

CAROLINA MOURA BENTO

BRASÍLIA
NOVEMBRO/2005

CAROLINA MOURA BENTO

REFLEXÕES SOBRE O LUTO E AS RELAÇÕES OBJETAIS

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Prof. (a): orientador (a) Morgana de Almeida e Queiroz

Brasília/DF, Novembro de 2005

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela saúde e dom da vida.

Aos meus pais, pela oportunidade e sacrifícios prestados para a conclusão desta etapa, em especial, a minha mãe, por sua existência em minha vida.

Ao Marcus Vinicius, meu namorado, pelo apoio, paciência e compreensão nos momentos de ausência e ajuda nos momentos difíceis.

À Freud, pela existência de uma psicologia tão bela quanto à psicanálise.

Ao meu psicólogo Marden, pelo incentivo.

À minha orientadora Morgana, pela possibilidade de crescimento e enriquecimento teórico.

Às amigas, e em especial, Fernanda e Elisa, pelo companheirismo, conquistas e cumplicidades nesses anos de faculdade.

Às minhas “irmãs”, Fabiana, Mariana, Carla e Silvia, por todos os momentos e amizade eterna.

E por fim, e não menos importante, à Claudia Feres, professora que no meio acadêmico, possibilitou a paixão pela psicanálise.

SUMÁRIO

Introdução	5
Capítulo 01 Conceito de Luto	8
Capítulo 02 Dos investimentos as primeiras perdas	16
2.1 Os investimentos objetais e as identificações	16
2.2 As primeiras perdas	23
Capítulo 03 A vivencia do trabalho do luto	29
3.1 A vivência do luto como afeto e dor	29
3.2 O trabalho do luto	37
Conclusão	43
Referências Bibliográficas	47

RESUMO

O presente trabalho busca o entendimento do fenômeno psíquico do trabalho do luto e sua relação com a psicodinâmica dos investimentos objetivos, baseados na teoria psicanalítica, em especial, nas elaborações freudianas. Inicialmente, será discutido o conceito de luto por diferentes autores numa tentativa de esclarecimento do mesmo. Posteriormente, será dada ênfase a forma como se organizam os investimentos e identificações ao longo da vida das pessoas e a relação destes com as primeiras perdas que o sujeito vive na infância. E por fim, será abordada a idéia que permeia a compreensão do luto como afeto e dor, o que possibilita num segundo momento ser considerado o trabalho do luto como uma elaboração psíquica que tem lugar a partir da perda de um objeto de amor, onde a libido faz um trabalho de deslocamento de energia na busca de equilíbrio psíquico.

INTRODUÇÃO

No vai e vem do dia-a-dia, as pessoas não param para olhar para si numa tentativa de entender as angústias que lhes afligem, as quais muitas vezes têm suas origens no psiquismo do sujeito a partir de alguma perda vivida. Todos os seres humanos, independentes da classe social, raça ou idade, irão passar pela perda de algo ou de alguém a quem amam. Assim, o enlutar-se é um processo de transformação que todos experenciam em algum momento da vida.

Com base neste pensamento, o presente trabalho destina-se a entender a psicodinâmica do trabalho do luto, desde os investimentos e identificações feitas com os objetos até quando os mesmos são perdidos, inserindo assim o indivíduo no processo do luto.

É importante esclarecer, que quando se fala em perda/luto aqui, faz-se referência não apenas à perda por morte, pois os mesmos serão considerados de uma forma mais ampla, ou seja, como uma vivência que tem lugar quando o sujeito perde algo ou alguém, fazendo com que o mesmo vivencie um trabalho doloroso de migração de libido que se desloca do objeto desinvestido para o eu do enlutado, e que posteriormente, será deslocado para objetos que se apresentam como possíveis para serem amados, o que possibilita o reinvestimento de libido nos mesmos.

Será retomado para o esclarecimento das indagações presentes neste estudo, o ponto de vista da abordagem psicanalítica, e em especial, a visão freudiana. Assim, como a base de pesquisa utilizada para a elaboração deste trabalho foi, dentre outras, a Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, cabe ressaltar que será utilizado ao longo do trabalho citações literais do mesmo, o qual utilizou-se na tradução os termos e/ou conceitos como id, ego, superego, catexia e instinto; e numa tentativa de resgatar a tradução dos textos originais em alemão de Freud, será utilizado aqui neste trabalho como sinônimos a estes termos, respectivamente, os termos: *eu, isso, supereu ou ideal de eu, investimento e pulsão*.

Primeiramente, a questão abordada no capítulo inicial será o conceito do luto, numa perspectiva psicanalítica, de autores como Freud, Melanie Klein e a visão etológica de Bowlby. Serão comparados alguns conceitos e pontos de vista dos

autores, procurando elucidar da melhor forma possível o conceito do luto. Primeiramente, será destacada a visão freudiana do luto, baseado na teorização acerca da perda do objeto em que houve um investimento libinal. Outra visão elucidada será a kleiniana, a qual se baseia no retorno aos processos depressivos infantis quando o indivíduo vivencia o processo do luto. Será exposta também a abordagem etológica do luto, onde Bowlby descreve não só uma visão psicológica, como biológica deste processo focado na perda do vínculo.

Em seguida, o segundo capítulo será dividido em dois momentos, sendo o primeiro destinado ao esclarecimento de como se dá os investimentos e identificações do sujeito ao longo da vida. Serão discutidos os aspectos psicodinâmicos desde a diferenciação destes em seu aspecto mais arcaico, até a forma mais primitiva de investimento, investimento esse que a criança faz em seus primeiros objetos de amor (os pais) os quais lhe proporcionam grande sensação de prazer e satisfação, e que após percebidos como “interditos” fazem com que a criança passe a vida inteira buscando a mesma sensação em outros objetos. Num segundo momento será abordada a relação das primeiras perdas que o sujeito vive desses investimentos na infância com a inserção do mesmo no processo de vivência do luto. Klein (1996) foi uma das autoras que melhor esclareceu este fato, acrescentando que o mesmo ocorre, pois há uma reativação da posição depressiva infantil do sujeito numa tentativa de superar a dor da perda, perda essa que ocorre no mundo interno da criança.

Por fim, esclarecido a forma como se dão os investimentos objetivos e a relação dessa com a perda, será abordado o principal tema deste trabalho: o processo psíquico do “trabalho” do luto.

Num primeiro momento será abordada a vivência do luto como afeto e dor, sendo a questão afetiva abordada em sua dimensão tanto no entendimento do luto como afeto, que se dá tanto no que se refere ao impacto da perda, quanto em termos de economia de afeto da energia pulsional a ser desinvestida libidinalmente. Já a questão da vivência do luto pela dor é entendida não só pelo desinvestimento que o sujeito faz no mundo externo devido à inibição do sujeito ao eu, como, também, pelo superinvestimento que o psiquismo faz nas representações do objeto que a realidade material mostrou que não mais existe.

O segundo momento deste terceiro capítulo será dedicado à caracterização do luto como um trabalho psicológico a partir do qual se dá o desligamento do objeto de amor perdido do enlutado. Será abordada a concepção do luto como um trabalho psicológico que permite a visão do mesmo por uma elaboração psíquica, apoiado pelo teste de realidade, acrescido do esclarecimento da importância de como a dinâmica da libido estrutura o processo do luto.

Neste sentido, a partir de todos os aspectos mencionados, o presente trabalho emerge como uma tentativa de buscar esclarecimento acerca das concepções do processo psíquico do trabalho do luto com base em elaborações freudianas e nas referências psicanalíticas, não numa tentativa de definir ou dar conta da totalidade deste processo e, sim, na tentativa de construir um pensamento que permita pensar sobre tal concepção do “trabalho” do luto de uma forma mais clara e objetiva.

CONCEITO DE LUTO

Em seu clássico texto “Luto e Melancolia” (1917 [1915]), Freud estabelece como ponto de partida o estudo da melancolia, e a partir deste, a sua comparação com o luto. Freud (*idem*) descreve o luto como um afeto normal de perturbações mentais narcisistas na vida do indivíduo. Afeto normal, pois, apesar de envolver afastamento do que é definido como algo normal ao longo da vida do sujeito, o luto é um processo que pode ser superado após um determinado tempo, não podendo assim, ser incluído numa estrutura patológica.

Laplanche & Pontalis (1970) acrescentam que o trabalho do luto é a elaboração que o aparelho psíquico necessita passar para que este possa se ligar a experiências traumatizantes.

Assim, Freud (1917 [1915]) define: “O luto, de um modo geral, é a reação a perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido.”¹

Com base nos estudos de base analítica, principalmente de acordo com visão freudiana, pode se dizer que a dor e a tristeza que o sujeito vivencia durante o processo do luto, é na verdade uma reação à perda de algum objeto que foi de alguma forma, minimamente, investido libidinalmente. Essa dor é necessária, pois o indivíduo necessita vivenciar a retirada de seus investimentos libidinais das diversas representações psíquicas do objeto perdido. Ou seja, o teste de realidade mostrou que o objeto não existe mais, o que exige que o trabalho do luto entre em ação, retirando toda a libido de suas ligações com aquele objeto. Freud (*idem*), ainda, acrescenta: “Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hiperinvestida, o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”. Sendo assim, o trabalho do luto está finalizado quando se finaliza este processo e o *eu* está outra vez livre e desinibido para investir em outros objetos, substituindo o perdido.

¹ Todas as citações que forem feitas sobre Freud neste trabalho, serão retiradas da Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, e pelos textos se apresentarem de forma corrida, sem número de páginas, as mesmas não serão mencionadas ao longo do presente trabalho.

A existência desse trabalho que o luto provoca é atestada por Freud (*ibidem*) pela falta de interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de investir em outros objetos de amor e a diminuição de toda e qualquer atividade que tenha seus pensamentos voltados para outro objeto que não seja o objeto perdido.

Freud em suas obras, como já foi dito anteriormente, explica o processo do trabalho do luto em comparação com o estado patológico da melancolia. Por esta razão, faz-se necessário uma síntese das idéias freudianas sobre o estado melancólico, possibilitando uma melhor visualização do trabalho do luto.

Tentado identificar alguma definição de luto em outros textos das obras de Freud, foram encontradas comparações com o estado patológico provocado pela vivência de uma perda, a *Melancolia*. A investigação psicanalítica mostra que neste estado patológico, denominado de melancolia, existe, como no luto, a perda de um objeto, com a diferença de que diante do sujeito melancólico, em termos reais, a perda não ocorreu. Pode-se, assim, acrescentar que o melancólico desconhece a perda desse objeto, reagindo a este objeto como se o quê foi perdido, fosse o seu próprio *eu*.

A partir da comparação apresentada existente mostrada por Freud (*ibidem*) entre o luto normal e a melancolia, neste segundo, pode-se afirmar que, o *eu* do melancólico identifica-se com o objeto perdido, identificação que não ocorre no luto normal. As autoacusações e autodiscriminações feitas pelo melancólico, na verdade são feitas a esse objeto, que se apresentam por conta da perda, com quem ele se identificou e incorporou, levando assim, o indivíduo a voltar o ódio para si.

Abraham *apud* Oliveira (2001) acrescenta em seus estudos sobre o luto, baseados nas descobertas de Freud sobre a melancolia, que os processos arcaicos que agem na melancolia, agem também no processo do luto. A diferença é que no trabalho do luto, o sujeito estabelece a pessoa amada que foi perdida dentro do seu eu, e já o melancólico, não consegue fazer isto.

Pode se dizer que a visão e os estudos freudianos sobre o luto, foi o que possibilitou que outros teóricos falassem sobre o trabalho do luto, e de certa forma até aprofundassem mais no assunto. Foi a partir das análises de Freud sobre as estruturas neuróticas, que se possibilitou uma visão psicodinâmica do trabalho do luto, e

possibilitou também que outros autores, como Melanie Klein, esclarecessem sua visão sobre o luto.

Posto isto, podemos dizer que a visão de Klein (1996) de luto se estrutura sob a visão de um *eu* diante da vida e da morte. Klein (*idem*) descreve em “O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos (1940)” que a perda de uma pessoa reativa no sujeito a posição depressiva infantil.

Segundo Klein (1996), o perigo inconsciente que o sujeito vive com o medo de ser destruído pela pulsão de morte, é o que dá origem à angústia mais arcaica de todos os seres humanos, o desejo de viver. Está angústia e o medo que o acompanha, é o que o leva a utilizar os mecanismos da projeção e introjeção de conteúdos pulsionais e objetais. E a autora Klein (*idem*) acrescenta:

No luto normal, o indivíduo reintrojeta e reinstala não só a pessoa que realmente perde, mas também os pais amados que são percebidos como seus objetos “bons” internos. Seu mundo interior, aquele que vinha sendo construído desde de o início da vida, foi destruído em sua fantasia quando ocorreu a perda real. A reconstrução desse mundo interior caracteriza o trabalho de luto bem sucedido. (p. 406)

Com base na citação acima, Klein (*ibidem*) traz à tona vários processos que antes não eram identificados no trabalho do luto. Um deles, é que a perda de um objeto bom externo, provoca inconscientemente a sensação de se ter perdido o objeto bom interno também. Isto mostra que o sofrimento e a dor da perda de alguém é mais extenso do que se imagina, pois a perda externa somada a perda interna, provoca uma sensação de que os objetos maus o estão perseguindo, despertando, assim, a posição arcaica de posição depressiva infantil. Outro processo que se apresenta a partir da citação, é a importância da reconstrução do mundo interior, ou seja, reparação dos fragmentos bons perdidos, para a superação dos estados do luto.

Na tentativa desse *eu* reparar a perda, a posição depressiva se apresenta durante todo o trabalho do luto que Oliveira (2001) define como sendo um movimento:

que consiste em “juntar os pedaços” de maneira correta e na ocasião adequada, em escolher os “pedaços bons” e jogar fora os

“maus”, em dar vida ao objeto depois que o mesmo foi montado e enfrentar os ataques do próprio ódio e dos objetos maus que perturbam a realização da tarefa. (p. 100)

Contudo, Klein (1996) expõe que há uma grande ligação entre a posição depressiva infantil e o luto e a melancolia nos adultos levando-a afirmar, portanto, que no luto normal, o indivíduo consegue repor no seu *eu* a pessoa querida que foi perdida, o que não ocorre na melancolia, nem no luto patológico. Ou seja, o luto pela perda não só de objetos exteriores, como também de objetos internos, reativando a posição depressiva infantil inicial, suas conseqüências e culpa que as acompanham pela pessoa perdida.

Para explicitar melhor o trabalho de luto, Klein (*idem*) acrescenta o conceito de reações de triunfo. Este triunfo envolve, ao contrário do processo normal do luto, a tentativa de derrotar um objeto por não se permitir sentir falta dele. Não existe estigma por este, o que faz com que o sujeito acabe negando os sentimentos depressivos e as ansiedades que estes podem causar. Este tipo de reação é para Klein (*ibidem*) a mais perigosa que o enlutado pode dirigir a pessoa morta e perdida, pois ao odiar essa pessoa o indivíduo deixa de confiar em seus próprios objetos internos bons. Então, o mundo interno do enlutado é inicialmente despedaçado pela falta do objeto perdido, buscando no indivíduo os fragmentos dos objetos bons perdidos dentro do seu eu. Numa tentativa desse sujeito estabelecer o que perdeu, estabelece-se uma reparação maníaca, que segundo Klein (*ibidem*), é visto como um processo normal no trabalho do luto.

Essa reparação maníaca é vista como uma defesa, devido ao uso maciço da negação, que não permite que se efetue uma reparação bem sucedida, aumentando os sentimentos de desespero no indivíduo. Já uma reparação bem sucedida, trás uma esperança renovada de que o sujeito será capaz de fazer algo a respeito desse sofrimento, restabelecendo o objeto interno bom.

Considerando a abordagem etológica do luto, é de grande importância esclarecer o que John Bowlby (1984) destaca sobre o assunto. Este autor acredita que o trabalho do luto se estrutura pela perda de um vínculo, ou seja, a vivência do luto se dá pela “ansiedade de separação”.

Bowlby (*idem*) utilizou para elaborar sua teoria sobre o processo na formação de vínculos, como uma das fontes de observação, os estudos feitos com animais, em especial com os macacos. Ele percebeu, por exemplo, que quando os macacos se encontravam em situações de perigo e/ou ameaça, estes procuravam as mães que dessem a eles proteção ou algum tipo de segurança.

Outra fonte de estudo para Bowlby (*ibidem*) foi observações feitas com crianças pequenas. Diferentemente de Freud e outros analistas subsequentes que consideravam os aspectos saudáveis e patológicos para explicar o funcionamento psíquico do indivíduo na construção das fases do desenvolvimento da personalidade em termos de ontogênese, este autor utilizou-se do procedimento reverso. Ou seja, utilizou dados com base em observações de “como crianças muito pequenas se comportam em situações definidas” (*ibidem*, p. 4) para descrever o funcionamento psíquico em fases posteriores da vida do sujeito.

Os estudos com animais aliados às observações feitas com crianças bem pequenas constituiu grandes avanços no que se refere ao conhecimento socioemocional do apego, separação e perda, focos do estudo de Bowlby. Além disso, proporcionou uma visão não só psicológica como biológica da figura de apego, e sua relação fisiológica diante de uma situação de perigo.

Contudo, o processo do luto se estabelece para Bowlby (1997) quando a figura de apego desaparece e a necessidade de segurança e cuidado são ameaçados com a quebra desse vínculo. Essa quebra provoca no indivíduo intensa ansiedade e protesto emocional, ou seja, “a inexistência desse objeto seguro torna a experiência aterrorizante e o sofrimento é intenso”. (Oliveira, 2001, p. 109)

Bowlby (1997) descreve a depressão e a tristeza como reações normais e saudáveis às perdas. Por outro lado, quando os pais tomam, segundo o autor, atitudes que resultam em vínculos, por ele denominados como não saudáveis em relação aos seus filhos, essas atitudes podem provocar na criança ansiedade e medo pela perda dessa figura de apego, provocando o desenvolvimento de um vínculo ansioso e frágil, resultando numa relação de dependência.

E o autor citado acrescenta: “(...) Quando são afastadas da mãe por estranhos, as crianças pequenas geralmente reagem com grande intensidade; e, após reunião com a

mãe, mostram comumente ou um grau intenso de ansiedade de separação ou então um excepcional desapego (...)” (Bowlby, 1984, p. 4).

Posto isto, na visão etológica, o que diferencia o estado normal do patológico, é a capacidade que o indivíduo tem de estabelecer novos vínculos após a vivência do trabalho do luto, ou seja, é saudável a aceitação da modificação do mundo externo com a perda desse objeto, proporcionando a modificação do mundo interno e das representações desse sujeito. É a presença de características obsessivas e a longa duração da vivência de perda desse vínculo que caracteriza segundo esse autor, o aspecto patológico.

Assim, o trabalho do luto para Bowlby (*idem*) se configura como a perda da figura de apego, fazendo com que a base segura do indivíduo deixe de existir diante de situações perigosas, provocando a perda do vínculo. A capacidade de reorganização do mundo externo e interno desse sujeito e a possibilidade que o indivíduo tem de criar novos vínculos é o que faz com que ele vivencie o processo do luto de forma saudável.

Após enfatizada as visões de luto para Freud, Klein e Bowlby, é de grande importância confrontar as idéias dos mesmos, numa tentativa de buscar o que se assemelha e diferencia em suas visões.

Freud (1917 [1915]) descreve o luto como sendo um estado normal de vivência psíquica de uma perda. Já Klein (1996) diferencia-se dessa visão afirmando que o trabalho do luto envolve estados maníacos e depressivos, o que permite que o sujeito retorne ao estado infantil.

Há uma relação entre a prova de realidade e nos estados mentais mais arcaicos. Na realidade, a criança vivencia estados mentais comparáveis ao luto, ou ainda, esse luto inicial é revivido pelo adulto quando surge uma aflição posteriormente durante a vida. Para Klein (1996) o processo mais importante para que a criança supere o luto é o teste de realidade.

Freud *apud* Freitas (2000) apontou a prova da realidade como sendo uma etapa essencial e natural, apesar de dolorosa, a ser vivenciada durante o luto, descrevendo que é necessário um certo tempo para a realização minuciosa do mandado imposto pela prova da realidade. Depois de finalizada esta etapa o *eu* consegue retirar a libido do objeto perdido, desligando-se dele. Ou seja, Freud (1917 [1915]) e Abraham (1927)

afirmam que a perda de um objeto amado leva o sujeito a reinstalar no *eu* esse objeto perdido, para só posteriormente desligar-se.

Klein (1996) acrescenta que o luto normal é mais que a instalação do objeto perdido no *eu* do enlutado, é a reinstalação do mesmo numa tentativa de recuperar os objetos bons internos, os pais, que o sujeito perdeu na infância. Após esta reinstalação dos objetos bons perdidos e a reconstrução do mundo interno que se encontra ameaçado pelos objetos internos maus, a pessoa se sente capaz de superar a angústia da perda.

Assim, a visão da autora se aproxima muito da Freudiana neste sentido, pois o que diferencia uma da outra, é que Freud acreditava que o sujeito não repõe a pessoa perdida, e sim, investe em outro objeto numa tentativa de substituir o objeto perdido. Outro ponto que diferencia a visão Kleiniana da freudiana, é que para o autor o enlutado deve realizar o teste de realidade estabelecendo um contato com o mundo real. Já para Klein, não só a realidade externa quanto à interna, são submetidas ao teste de realidade, o que mostra que o objeto perdido estava ligado aos objetos internos do sujeito, e perdê-lo, faz com que esse mundo interno se desmorone. Assim, este último, fica ameaçado pelos objetos internos maus, como já explicado anteriormente, o que põe em perigo a interação desse mundo interno.

Bromberg *apud* Freitas (2000) afirma que o luto, conforme descrito acima, é um aspecto negativo do vínculo. Esta afirmação possibilita que Bowlby (1997), em sua abordagem etológica, descreva o luto com sendo uma reação à perda do vínculo. Ele parte pressuposto de que a criança dirige sua atenção a um pequeno número de indivíduos específicos, proporcionando uma condição favorável para que ela possa administrar de forma saudável as perdas que acontecerão ao longo de sua vida.

Bowlby (1984) concorda com Klein (1996) quando percebe a influência de como a criança vivencia a perda e a sua repercussão no enfrentamento de futuras perdas, acrescentando que é mais do que a perda de uma pessoa amada, é a perda do vínculo com essa pessoa que de alguma forma lhe fornece proteção e segurança.

Posto isto, pode-se dizer que Freud estudou o luto e seus aspectos patológicos, o comparando com a melancolia. Já Klein, para expressar sua visão sobre o processo do luto na vida adulta, retomou as vivências da posição depressiva infantil. E, ainda,

Bowlby contribui acrescentando os aspectos biológicos aos patológicos, a partir de uma interpretação funcional do luto, enaltecendo a importância da perda do vínculo como a possibilidade de inserção do sujeito na vivência do mesmo.

Contudo, mais do que semelhanças e diferenças foram encontradas nessa sucinta comparação. Pode-se dizer que as visões de Freud, Klein e Bowlby se complementam, possibilitando uma visão mais sistêmica do processo do luto como um todo, desde os estados depressivos infantis (Klein, 1996), passando por um processo normal de reação a perda de um ente querido, com direito a prova de realidade, e um conseqüente retorno de investimentos em outros objetos (Freud, 1917 [1915]), acrescidos de questões biológicas apresentadas por Bowlby (1997) em sua teoria do luto como uma vivência da perda pelo vínculo.

DOS INVESTIMENTOS AS PRIMEIRAS PERDAS

“O luto implicava, portanto, que o sentido da nossa vida não estava em nós mesmos; que a nossa vida era concebida em função das suas ligações aos seres que nos eram próximos; que vivíamos para os construir e para sermos por eles construídos.”
(Paulo Jorge Geraldo)

2.1 Os investimentos objetais e as identificações

Com base nos conceitos destacados no capítulo anterior, Freud (1917 [1915]) pontua que o sofrimento vivido durante o luto não ocorre pela perda de qualquer objeto, e sim, por um objeto que foi investido, objeto este que de alguma forma o enlutado investiu libidinalmente.

Posto isto, é de grande importância esclarecer o que a teoria psicanalítica afirma a respeito dos investimentos e identificações que os indivíduos constroem frente os objetos relacionais ao longo da vida, sendo este último de alguma forma perdido, inserindo, assim, o sujeito na vivência do luto.

Num primeiro momento, por volta de 1890, em cartas endereçadas a Fliess, Freud (1985) aborda o processo de identificação de uma forma geral e descritiva, como um desejo recalçado de “agir como”, de “ser como” alguém. Essa definição só é elaborada, posteriormente, quando Freud escreve um de seus textos clássicos “A interpretação dos sonhos - 1900”, a partir do qual ele começa a expor o processo de identificação de forma teórica.

Em “Psicologia de grupo e análise do eu” Freud (1921) dedica boa parte da obra ao processo de identificação, sendo este último definida por Freud *apud* Roudinesco e Plon (1998) como sendo “a expressão primária de uma ligação afetiva com outra pessoa, (...) por subjazer ali, ao contrário da escolha do objeto narcísica, uma escolha de objeto por apoio graças a qual o sujeito se constitui com base no modelo parental ou dos substitutos do pai” (p. 364). Klein *apud* Hinshelwood (1992) acrescenta, ainda, que essas identificações se dão a partir de fantasias que se tornam reais para o sujeito que as constrói e, como a criança não diferencia muito bem fantasia de realidade, a mesma

constrói assim, um mundo interno a partir de identificações projetivas e introjetivas. Com isso, o sujeito passa a vida inteira buscando o mundo interno *bom* em outros objetos.

Freud (1921) afirma em “Psicologia de grupo e análise do eu” que existem formas diferentes dessas identificações, sendo a primeira definida por Freud (*idem*) por uma identificação denominada de regressiva, onde ocorre uma imitação do sintoma da pessoa amada, e não da pessoa. Esse tipo de identificação é percebido claramente quando Freud descreve o caso Dora, onde a mesma imita a tosse do pai, como ocorre também no caso de meninas que assumem os sintomas da mãe, como uma alergia, por exemplo, ou qualquer outro sintoma neurótico, numa tentativa de assumir o lugar da mãe, fazendo com que o sintoma expresse o amor objetal pelo pai. Há casos em que a pessoa assume o sintoma da pessoa amada, o que possibilita afirmar que “(...) a identificação apareceu no lugar da escolha do objeto e que a escolha do objeto regrediu para a identificação (...)” (*ibidem*). Klein (1996) definiria este tipo de identificação por “identificação introjetiva”, onde ocorre uma alteração do eu, numa tentativa desse eu tornar-se semelhante ao objeto.

No caso dos meninos, os laços emocionais se apresentam de duas formas psicologicamente distintas, uma onde há um investimento sexual e direto com a mãe, e outra que é a identificação com o pai, que se torna o modelo desse menino. Estes laços coexistem durante certo tempo, sem influências ou interferências mas, em consequência da unificação da vida psíquica entre as pulsões do *eu* e pulsões sexuais, eles acabam por reunir-se, e o complexo de Édipo normal origina-se dessa confluência. Com o pai aparecendo em seu caminho, o menino além de querer ser igual ao pai, ele também assume uma vontade de substituí-lo em relação ao amor da mãe. Isso mostra de forma clara a ambivalência que existe no processo de identificação, onde ao mesmo tempo se tem ternura pelo pai e o desejo de afastar o mesmo de seu caminho.

É de fácil visualização a diferença entre a identificação e a escolha do pai como objeto, o que pode acontecer no complexo de Édipo, onde há uma inversão em que o pai é tomado pelo menino como objeto em que as pulsões diretamente sexuais buscam satisfação. No primeiro caso, o pai é o que o menino gostaria de ser, já o segundo, o que o menino gostaria de ter. Essa distinção depende do laço se ligar ao sujeito ou ao

objeto do *eu*. Aqui se apresenta uma segunda forma de identificação, a qual constitui a forma original de laço emocional com o objeto.

Uma terceira forma de identificação é a que se forma na falta de qualquer investimento sexual, e Freud (*ibidem*) acrescenta que ela se dá pela “capacidade ou (da) vontade de colocar-se numa situação idêntica a do outro ou dos outros”. Neste tipo de identificação, os sintomas deixam de fora qualquer relação de objeto com a pessoa que está sendo copiada, baseada na possibilidade ou no desejo de colocar-se na mesma situação, definido como um sinal de um ponto de coincidência entre dois *eus*, o *eu* do objeto copiado e o *eu* de quem está se identificando, a qual surge como uma nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de pulsão sexual.

Ocorre, também, durante o processo de identificação, a introjeção de objetos. A partir da análise da melancolia que tem como uma de suas causas excitadoras a perda real ou emocional de um objeto amado em casos que são caracterizados pela autodepreciação do *eu* combinada a autocríticas e autocestras, os estudos com base analítica demonstram que essa desvalorização do *eu* e as censuras, na verdade se aplicam ao objeto amado que foi perdido, e representam vingança do *eu* sobre este objeto. Percebe-se aqui uma introjeção clara do objeto, onde o “(...) investimento do objeto foi substituído por uma identificação (...)” (Freud, 1923). Na melancolia o *eu* aparece dividido, separado em duas partes, uma das quais se dirige com raiva contra a outra, a segunda parte, que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido.

E por fim, a quarta forma de identificação, a qual foi deixada por último, propositalmente, pois fala diretamente da relação das identificações com os investimentos nos objetos, o qual é o tema focal deste capítulo. Este tipo de identificação desempenha um papel fundamental na história do complexo de Édipo, onde se apresenta uma difícil diferenciação entre identificação e investimento, ou seja, uma dificuldade apresentada na modalidade descrita por Roudinesco e Plon (1998) com sendo “a modalidade do” ter “e a modalidade do” ser “”. Esta identificação é a que ocorre entre as crianças e seus pais, onde todas as pulsões sexuais unificam-se nesses objetos (pais), relação esta que será explicada detalhadamente abaixo.

Com base no texto “O ego e o Id” que Freud escreveu em 1923, é descrito que a princípio, numa fase primitiva do indivíduo, o investimento objetal e a identificação são indistinguíveis uma da outra. Só é possível supor, a partir dessa afirmação, que os investimentos que se fazem nos objetos nessa fase primitiva procedem do *isso*, o qual sente as tendências eróticas como necessidades a serem satisfeitas. O *eu* que no início é frágil, percebe esses investimentos, e de alguma forma se sujeita a eles, ou tenta se desviar pelo processo conhecido como repressão.

O *eu* é o responsável por fazer a ligação entre o *isso* e o mundo externo. Numa tentativa de autopreservação, esse *eu* põe-se em defesa às intensas reivindicações que ambos fazem ao mesmo tempo. Todas as decisões tomadas pelo *eu* a partir do princípio do prazer, aplicam-se apenas até o final do primeiro período da infância, por volta dos cinco anos de idade, onde há uma grande mudança. Uma parte do mundo externo é parcialmente, a partir de identificações, introjetada no *eu*, fazendo assim com que parte do mundo interno do sujeito seja criado, o qual será denominado de *supereu*. Freud (1940) acrescenta:

Esse novo agente psíquico continua a efetuar as funções que até então haviam sido desempenhadas pelas pessoas [os objetos abandonados] do mundo externo: ele observa o ego, dá-lhe ordens, julga-o e ameaça-o com punições, exatamente como os pais cujo lugar ocupou. Chamamos este agente de superego e nos damos conta dele, em suas funções judiciárias, como nossa consciência.

Em 1925, em “Dissolução do complexo de Édipo”, Freud estabelece uma distinção entre os investimentos objetais e a identificação, a partir do qual ele esclarece que o complexo de Édipo oferece duas possibilidades, a ativa e a passiva, onde a primeira consiste em ocupar o lugar do pai para ter o amor da mãe, e a segunda, o de tomar o lugar deste. Quando o menino percebe a ameaça da castração ou a menina, a castração da ausência, a falta (se perceber como um ser faltante), os investimentos são substituídos por identificações. Freud afirma (1923) que “a autoridade paterna ou parental introjetada no eu, forma ali o núcleo do *supereu*”, e com isso, as tendências libidinais são reprimidas quanto aos seus objetivos, transformando assim as relações

com os pais no *supereu*. Freud considera esse agente psíquico, como uma identificação bem sucedida com a instância parental.

O *supereu* que surge a partir dessas identificações, apresenta-se ao psiquismo do sujeito de forma muito severa, distante do modelo apresentado pelos pais, e, além disso, tem como uma de suas funções, fazer com que o *eu* preste contas não apenas de suas atitudes, mas de “(...) seus pensamentos e intenções não executadas (...)” (*idem*) dos quais esse agente tem conhecimento. O *supereu* é na verdade o herdeiro do complexo de Édipo. Isso explica porque ele surge após o primeiro período de infância, e que só se estabelece após o menino ou a menina terem se libertado do complexo.

Pode-se dizer que, nessa relação de identificação, o *eu* se altera quando abandona um objeto sexual, e que pode ser descrita como a instalação do objeto dentro do *eu*, como ocorre na melancolia. Este tipo de introjeção é a única condição de identificação em que o *isso* pode abandonar os seus objetos, por constituir uma espécie de regressão a uma fase primitiva do indivíduo, onde o *eu* tornou mais fácil o abandono do objeto para que este processo se torne possível, o que possibilita supor que o *eu* “(...) é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém as histórias dessas escolhas de objeto (...)” (*ibidem*). É importante salientar que existem diversos graus de resistências, as quais determinam até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as experiências de suas escolhas objetais eróticas.

Outro ponto que merece atenção é a transformação de escolha de um objeto erótico proporcionado uma alteração no *eu*, onde este mantém o controle sobre o *isso*, o que na verdade significa o *eu* se submeter às exigências do *isso*. Quando o *eu* assume características desse objeto, ele está se sujeitando ao *isso* como um objeto de amor, o que faz com que se compreenda a perda do *isso*. Assim, efetua-se a transformação da libido do objeto em libido narcísica, o que implica no abandono dos objetos sexuais através de uma espécie de sublimação, na qual o *eu* como mediador do aparelho psíquico, indica-lhe outros objetivos.

Qualquer que seja o motivo que leve a resistência aos investimentos do objeto abandonado, as influências das primeiras identificações efetuadas na infância serão duradouras, o que nos conduz a origem do ideal do *eu* (*supereu*), que por trás de si, encontra a “(...) primeira e mais importante identificação do indivíduo (...)” (*ibidem*), que

é a identificação com o pai em sua história pessoal, a qual é direta e imediata, efetuada mais primitivamente do qualquer investimento objetal.

A dificuldade encontrada para se explicar toda essa problemática, se deve a duas características: a primeira devido ao “caráter triangular da situação edipiana”, e a segunda, devido à constituição do indivíduo na bissexualidade:

Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna preservará a relação de objeto com a mãe, que pertencia ao complexo positivo e, ao mesmo tempo, substituirá a relação de objeto com o pai, que pertencia ao complexo invertido; o mesmo será verdade, mutatis mutandis, quanto à identificação materna. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais.

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no eu, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do eu retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego. (ibidem)

Com isso, pode se dizer que o supereu não se resume simplesmente aos restos deixados pelas escolhas objetais do *isso*; ele também representa uma reação contra essas escolhas. Este aspecto duplo do *supereu* surge do fato de que ele tem como função reprimir o complexo de Édipo, o qual é responsável por sua existência, ou seja, é uma tarefa difícil onde o *eu* infantil se fortalece para recriar dentro de si o obstáculo contra o desejo edipiano. O *supereu*, assim, retém o caráter do pai, ao mesmo tempo que quanto mais poderoso o complexo de Édipo for, e mais rápido a repressão aparecer, mais severa será a dominação do *ideal do eu* sobre o *eu*.

Contudo, pode se dizer que o *supereu*, da forma como foi descrito e abordado, é resultado de dois fatores como descreve Freud (*ibidem*): um de natureza biológica e outro de natureza histórica, ou seja, a diferenciação do *supereu* a partir do *eu* não é uma questão do acaso, pois representa não só as questões do desenvolvimento do indivíduo, quanto da espécie também, dando continuidade às influências dos pais, perpetuando a existência de características que se devem a sua origem.

Portanto, o *ideal do eu* como herdeiro do complexo de Édipo, dá origem aos mais poderosos impulsos do *isso*, ou seja, a partir desse *ideal do eu*, o *eu* controlou o complexo de Édipo, mas ao mesmo tempo se sujeitou ao *isso*, fazendo com que o *eu* se tornasse o representante da realidade e o *supereu*, em contraste a esse *eu*, se tornasse o representante interno, do *isso*. Assim, fica mais claro identificar entre os conflitos do *eu* com o *ideal do eu*, o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e interno. Verificasse, que o *supereu* é tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem, como um substituto do pai, e que, à medida em que a criança cresce, este pai é substituído, a partir de outros investimentos, por outras posições de autoridade, exercendo a cesura moral.

A maneira pela qual o *ideal de eu* surge, explica como é que os conflitos entre o *eu* e os investimentos objetais do *isso*, podem continuar em conflito com seu herdeiro, o *ideal do eu*. Se o *eu* não teve muito sucesso em dominar o complexo de Édipo, o *ideal do eu* entra para reagir às pulsões vindas do *isso*. A comunicação entre o *eu* e o *isso*, explica o enigma de como é que o *ideal do eu* permanece em grande parte inconsciente e inacessível ao *eu*.

Posto isto, pode se afirmar que a identificação é conhecida como a mais remota expressão de um laço emocional com o outro que desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Assim, a identificação pode ser vista como o esforço em moldar o próprio *eu* segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo. Freud (1921) acrescenta, ainda, em “Psicologia de grupo e análise do eu” que a identificação é diferente do estado de estar amando, pois no primeiro, o *eu* se enriquece com características do objeto, introjetando o objeto em si próprio. Já no segundo caso, o sujeito “(...) substitui o seu constituinte mais importante pelo objeto”, nessa manutenção do objeto ocorre um hiperinvestimento do objeto pelo *eu*. O *eu* se molda, portanto, às características que o sujeito adquiriu investindo num determinado objeto, investimento esse que agora após esta explanação pode ser definido como uma “mobilização de energia pulsional, que tem por consequência ligar esta última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou partes do corpo.” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 398), energia essa que desloca uma quantidade de libido narcísica para o objeto.

2.2 As primeiras perdas

Conforme foi esclarecido no primeiro capítulo, no que diz respeito a visão de Klein do luto; e na primeira parte deste capítulo sobre os investimentos e as identificações na perspectiva freudiana, pode-se dizer que Klein (1996) descreve o luto como um retorno a posição depressiva infantil, numa tentativa de reestruturar o mundo interno do sujeito que se sente ameaçado pela perda de um objeto significativo, o qual Freud denominaria ao longo de suas obras, de objetos investidos libidinalmente.

Segundo Klein (1996), o objeto que desperta o luto no bebê é o seio da mãe, que aflora no sujeito “(...) sentimentos depressivos que atingem seu clímax pouco antes, durante e depois do desmame” (p. 388). Acompanhado do desmame, vêm todos os sentimentos que o seio da mãe passou a significar para o bebê, como por exemplo: o carinho, o amor, a segurança, a confiança, entre outros, e como diz Winnicott (1975), sentimentos que só o olhar da mãe, ou de quem ocupa esse lugar, pode passar para a criança durante o processo de amamentar.

Já Bowlby (1997) acrescenta, ainda, em sua teoria do apego, afirmando que mais do que só o desmame pode despertar o luto na criança como também qualquer possibilidade que ameace ou promova a quebra do vínculo com a pessoa que ocupa o lugar ou posição da mãe, provocados pela ansiedade da separação da pessoa que ocupa o lugar de confiança na vida da criança o qual Bowlby define como sendo a “figura de ligação” (*idem*, p. 139)

Klein (1996) afirma que as fantasias inconscientes da criança permitem que esta acredite que toda essa representação criada no seu imaginário sobre o seio da mãe esteja perdida devida às fantasias e impulsos destrutivos contra o seio da mesma. Outra situação que, ao mesmo tempo gera aflições de perder tanto a mãe quanto o pai, e que retomam as frustrações associadas às perdas do seio, é a situação edípica.

A relação que se dá inicialmente com a mãe e posteriormente com o pai, a introjeção de objetos externos auxiliando na construção do mundo interno da criança e todos os sentimentos que o acompanham, tornam-se segundo Klein (*idem*) “(...) inacessíveis à observação e juízo preciso da criança, não podendo ser verificados pelos meios de percepção disponíveis em relação ao mundo tangível dos objetos”.(p.388)

A partir do teste de realidade - o qual Freud definiria em Luto e Melancolia (1917 [1915]) como sendo o teste que prova, no caso do luto, que o objeto não existe mais – a criança que conseguir superar experiências desagradáveis, como a perda de um objeto, mas manter o objeto e o amor que sente por ele e o amor desse objeto por ela, conseguirá manter, preservar e restabelecer a harmonia interna diante dos perigos, o qual Klein (1996) define por objetos “maus”. Mas se a criança não consegue superar essas experiências, o sentimento de ambivalência aumenta, diminuindo a confiança e a esperança, permitindo assim que a criança se sinta perseguida pelos objetos “maus”. E Klein (idem) acrescenta:

Para o bebê, todos os prazeres que sente junto à mãe servem como prova de que o objeto de amor interno e externo não está ferido, nem se transformou numa pessoa vingativa. O aumento do amor e confiança, acompanhado pela redução de medo através de experiências felizes, ajuda o bebê a vencer gradualmente sua depressão e sentimento de perda (luto). Ele permite que o Bebê teste sua realidade interna através da realidade externa. Ao ser amado e sentir prazer e conforto junto a outras pessoas, sua confiança na bondade dos outros e de si mesmo é fortalecida. Aumenta a esperança de que os objetos “bons” e o seu próprio ego possam ser salvos e preservados, ao mesmo tempo em que a ambivalência e medos agudos a destruição interna diminuem. (p. 389)

Dito isto, pode-se dizer que Klein (*ibidem*) acredita que é a posição depressiva infantil a posição central do desenvolvimento da criança, diferente da visão de Freud que acredita que o ponto crucial do desenvolvimento do sujeito é a passagem pelo complexo de Édipo. Klein (*ibidem*) sustenta que a posição depressiva infantil se dá através da neurose infantil, estrutura que se organiza e integra juntamente com o desenvolvimento sexual, permitindo uma relação satisfatória com as pessoas e a realidade, afirmando que a “(...) relação satisfatória com os outros depende da vitória contra o caos interior (a posição depressiva) e do firme estabelecimento dos objetos internos” bons “” (p.390).

Para que o processo da posição depressiva se efetue, existem mecanismos e defesas através dos quais ela se estrutura. É importante voltar a atenção para um

mecanismo específico que gira em torno do medo pela perda de um objeto significativo, os objetos “bons” internos. A partir disso, Klein define:

Uma vez que no bebê, os processos de introjeção e projeção são denominados pela agressividade e a ansiedade, que se reforçam mutuamente, eles levam ao medo da perseguição por parte de objetos aterrorizantes. A esse se acrescenta o medo de perder os objetos amados, ou seja, surge a posição depressiva. (ibidem, p.391)

Como se pode ver, a posição depressiva infantil se dá, segundo Klein (*ibidem*), em torno da possível destruição dos objetos “bons” - como, por exemplo, pelo medo da desintegração do eu ou por medo de perder os objetos amados - pelos objetos “maus”, somados aos medos e as defesas paranóicas. Ou seja, a posição depressiva se dá pelo jogo entre as perseguições dos objetos “maus” e as defesas empregadas contra eles contra o anseio pela manutenção do objeto “bom” (objeto amado). Os mecanismos de defesas empregados nesse jogo são de fundamental importância para a organização do eu, mecanismos esses denominados de defesas maníacas.

O desenvolvimento normal do sujeito se dá, dentre outros fatores, a partir da migração entre as duas posições já citadas, a posição maníaca e a depressiva, na qual pode ocorrer a criação de fantasias tanto destrutivas quanto reparadoras. Ambas se adequam ao pavor que os perseguidores (objetos “maus”) despertam, caracterizadas por Bowlby (1997) como a figura de ligação, na qual a pessoa projeta características hostis, acessibilidade incerta, entre outras características, e o medo da perda dos objetos internos “bons”, o qual Bowlby (*idem*) definiria como sendo a “(...) figura de ligação que é concebida como acessível, confiável e pronta para ajudar (...)” (p.156). Essas fantasias se estruturam no mecanismo que a criança cria de onipotência perante aos outros objetos. Já em relação à posição maníaca, pode-se dizer que os mecanismos que os mecanismos organizados são o de idealização e sua forte ligação com o mecanismo de negação, onde Klein (1996) diz que:

Sem uma negação parcial e temporária da realidade psíquica, o ego não consegue suportar o desastre de que se sente ameaçado quando a posição depressiva está no auge. A onipotência, a

negação e a idealização, intimamente ligadas a ambivalência, permitem que o ego primitivo se levante até certo ponto contra os seus perseguidores internos e contra uma dependência submissa e perigosa em relação aos objetos amados, o que trás novos avanços em seu desenvolvimento. (p. 392)

Em estágios iniciais do desenvolvimento, o eu da criança não dispõe de meios adequados para lidar com a culpa e a ansiedade, e isso faz com que tanto a criança quanto os adultos sintam necessidade de repetir ações de forma obsessivas, ou se recorrer aos mecanismos apostos, regredirá a onipotência e à negação. Entretanto, se esses últimos mecanismos fracassarem, o eu, ao mesmo tempo, ou alternadamente, é levado a combater o medo da desintegração de si mesmo, numa tentativa de reparação executada de forma obsessiva.

Esta relação existente entre a ligação dos mecanismos obsessivos e as defesas maníacas com a posição depressiva infantil de Klein (*idem*) durante o desenvolvimento da criança, possibilita que cada etapa do crescimento emocional, intelectual, físico e psíquico, seja empregado pelo eu numa tentativa de superar esta posição depressiva. À medida que este *eu* se fortalece, o sujeito se apresenta numa posição de maior confiança em relação as pessoas, podendo assim avançar em direção ao que Klein definiria como sendo “(...) a unificação de suas imagos – externas, internas, amadas e odiadas – e de uma maior mitigação do ódio através do amor, atingindo assim um processo geral de integração.” (*ibidem*, p. 396)

A partir das provas dos testes de realidade externo, somadas a capacidade de amar, ao poder de reparação e a estruturação de um mundo interno “bom”, ocorrendo a diminuição do que Klein (*ibidem*) define como sendo a onipotência maníaca, juntamente com a natureza obsessiva, voltada para execução a reparação, proporcionando a fim da neurose infantil.

Após esclarecido, de forma resumida, o que Klein (*ibidem*) entende sobre o processo de desenvolvimento dos indivíduos, é possível fazer a relação do luto normal com a posição depressiva infantil, relação central a ser esclarecida neste capítulo.

Klein acredita que a dor trazida pela perda de uma pessoa amada, conforme diz Freud em “Luto e Melancolia - (1917 [1915])” é ampliada, segundo Klein (1996), pelas fantasias inconscientes que o sujeito tem ao acreditar que com a perda da pessoa

amada, ele perdeu também seus objetos “bons” internos, tendo a sensação que os objetos “maus” internos estão dominando o seu mundo interno, o que possibilitaria a desintegração do eu. Segundo Freud (1917 [1915]), a perda de um objeto investido libidinalmente, gera um impulso de reinstalar o objeto perdido dentro do eu. Já Klein (1996), acredita ser mais que a reincorporação do objeto que o sujeito perdeu, como também a ação de reinstalar os objetos internos “bons”. Com isso, a posição depressiva arcaica é reativada “(...) juntamente com as ansiedades, a culpa e os sentimentos de perda derivados da situação da amamentação, da situação edipiana e de todas as outras fontes (...)” (*idem*, p. 396), proporcionando que a sensação de perseguição ganhe forças no trabalho do luto, tornando as relações com as pessoas obstruídas pelo sentimento de ambivalência e de desconfiança.

A dor pela perda associado ao lento processo do teste de realidade tem como finalidade não só reinvestir e superinverter no objeto perdido possibilitando o retorno do investimento no mundo externo, como diria Freud em Luto e Melancolia (1917 [1915]), mas também é um momento que Klein (1996) afirma que o sujeito possa reestruturar o seu mundo interno, o qual o indivíduo acredita estar em perigo devido à ameaça de perseguição dos objetos “maus”.

Posto isto, pode-se afirmar que a relação do luto normal com a posição depressiva infantil se dá no sentido de que a pessoa enlutada regride as posições mais arcaicas do desenvolvimento humano, numa tentativa de restabelecer e reintegrar o mundo interno, igual ao processo que a criança pequena faz na construção do seu mundo interno. Com base em suas experiências, Klein (*idem*) conclui que:

(...) apesar da característica típica do luto normal ser o fato de o indivíduo instalar o objeto de amor perdido dentro de si mesmo, ele não está fazendo isso pela primeira vez. Na verdade, através do trabalho do luto, ele está restaurando esse objeto, assim como todos os seus objetos amados internos, que acredita ter perdido. Portanto, está recuperando aquilo que já tinha obtido durante a infância. (p. 405)

Klein (*ibidem*), no entanto, chama a atenção para a diferença apresentada entre a posição depressiva infantil e o luto normal, expressa quando a criança perde a representação do seio. Isso acontece, quando a mãe está presente. Já no luto, a perda

é real de uma pessoa real. Esta explanação apresentada se diferencia da visão de Freud (1917 [1915]), por ele acreditar que a perda vivenciada durante o luto pode se dar pela perda de uma representação, uma idealização, e não apenas pela perda de um objeto real e concreto.

Posto isto, pode-se dizer que segundo a visão Kleiniana de luto se dá pela reativação da posição depressiva arcaica com a perda do objeto amado, superada pelo sujeito através da utilização mesmos métodos que o *eu* utilizou na infância. E Bowlby (1997), acrescenta que o luto utiliza-se de características como o choro e o grito, na qual a raiva se manifesta, como fazem as crianças pequenas, numa tentativa de recuperar a mãe que se encontra ausente. Como diria Klein (1996), o sujeito volta a uma posição arcaica do desenvolvimento para lidar com a dor da perda.

A VIVÊNCIA DO TRABALHO DO LUTO

*“O luto significa a realidade de um amor que não morreu dentro de nós. De um amor que - por ser tão grande e profundo, por ser tão... único - não pode ser esquecido ou substituído enquanto durar o tempo de afastamento.”
(Paulo Jorge Geraldo)*

3.1 A vivência do luto como afeto e dor

Neste primeiro momento do capítulo será dado ênfase a vivência do luto como afeto. Já num segundo momento deste mesmo capítulo, o luto será tratado em sua vivência a partir da dor.

Nos primeiros escritos de Freud, em cartas endereçadas a Fliess entre os anos de 1882 a 1899, encontra-se o “Rascunho G. Melancolia”, no qual Freud (1985) faz algumas referências à noção de luto como afeto. A partir do estudo da Melancolia, dentre outras considerações que Freud (*idem*) faz, o mesmo afirma: “(a) O afeto correspondente à melancolia é o luto — ou seja, o desejo de recuperar algo que foi perdido. Assim, na melancolia, deve tratar-se de uma perda — uma perda na vida *pulsional*”. E mais, o autor acrescenta ainda no mesmo texto, que a melancolia é vista como luto quando ocorre a perda de libido.

A partir do pensamento freudiano acima citado é importante que se faça algumas pontuações. Percebe-se a partir desta definição, uma referência ao luto, sendo entendida como afeto. A mesma elaboração faz referência ao luto sendo entendida pelo desejo de superar ou reverter uma perda. E mais, o luto é esclarecido como um afeto que se apresenta a partir da perda que ocorre possivelmente de uma natureza libidinal na vida pulsional do sujeito. A natureza libidinal do afeto, ainda se mostra mais clara, quando Freud *apud* Laplanche & Pontalis (1970) afirma que para o trabalho do luto se realizar, possibilitando novos investimentos no exterior, é necessário que se realize uma tarefa intrapsíquica onde “todas as recordações, todas as expectativas pelas quais a libido estava ligada ao objeto, são presentificadas, superinvestidas, em cada uma se realiza o desapego da libido” (p. 663). Isto posto, a concepção de luto como afeto para Freud (1985), apresenta-se caracterizado como um afeto relacionado ao desejo de

superar ou rever uma perda, luto este constituído de libido, ou seja, o luto está relacionado pra Freud (*ibidem*) às idéias de libido e afeto. Assim, o luto pode ser entendido como afeto ou estado afetivo a partir de algumas colocações que serão feitas a seguir.

Encontra-se no “Rascunho K. Neuroses “ (1950 [1896]), um trecho que descreve o do luto como um afeto a partir de comparações que são feitas entre as estruturas da histeria, neurose obsessiva, paranóia e amênia alucinatória aguda, sendo o luto entendido como “aberração patológica” que corresponde a amênia alucinatória aguda. Neste texto, Freud (1986) faz a seguinte construção de pensamento:

Há quatro tipos e muitas formas dessas neuroses. Posso apenas traçar uma comparação entre histeria, neurose obsessiva e uma forma de paranóia. Elas têm várias coisas em comum. São aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais: de conflito (histeria), de autocensura (neurose obsessiva), de mortificação (paranóia), de luto (amênia alucinatória aguda). Diferem desses afetos pelo fato de não conduzirem à resolução de coisa alguma, e sim a um permanente prejuízo para o ego.

Percebe-se nessa citação, o luto sendo descrito como estado afetivo normal ou “protótipo afetivo” que não causa prejuízo ao *eu* do indivíduo, o que deixa claro mais uma vez a caracterização do luto como afeto.

Entretanto, pode-se perceber a referência feita ao luto, mais uma vez em comparação a outros temas, como ocorre no “Rascunho G. Melancolia” (1950 [1895]) e no clássico texto de Freud “Luto e Melancolia” [1917(1915)], onde o luto comparece sendo comparado a Melancolia. Quando se lê “Luto e Melancolia”, percebe-se de forma clara essa comparação, onde Freud (*idem*) tem como foco de seus pensamentos e elaborações a compreensão da Melancolia, e não do luto. Este tipo de explanação onde o luto aparece em comparação a outros temas, dificulta a compreensão do mesmo e de sua correspondência com outras estruturas, todavia, se o mesmo for analisado cuidadosamente, pode-se filtrar aspectos essenciais sobre o luto.

Em “Luto e Melancolia”, ao longo do texto, quando Freud (*ibiidem*) afirma que “(...) trataremos agora de lançar luz sobre a natureza da melancolia, comparando-a com o afeto normal do luto”, percebe-se novamente a referência ao luto como estado afetivo,

portanto, a noção de afeto está inserida na definição de luto, o que torna necessário um melhor conhecimento da noção de afeto.

Rocha *apud* Arraes (2000) descreve que a filosofia deixou uma herança sobre a concepção de afeto a partir de abordagens em que quantidade e qualidade de emoções apresentam-se vinculadas, possibilitando a psicanálise definir o afeto baseado numa ligação direta entre representação e afeto, ou seja, quantidade e qualidade. É, a partir da afirmação acima, que a psicanálise afirma haver uma representação sem afeto ou num afeto sem representação, e na possibilidade de descrever diferentes trajetórias para o afeto e para a representação, que o afeto garante suas transformações, ou seja, o mesmo autor acima citado, definiria que “(...) é justamente a possibilidade de haver afeto sem representação e representação sem afeto que garante as diversas transformações do afeto, justificando-se, assim, as diferentes trajetórias possíveis tanto para o afeto quanto para a representação” (p. 10).

Já com base no texto “Estudos sobre Histeria” (1895), o termo afeto é utilizado de duas maneiras. Na primeira, assume apenas um valor descritivo que se sustenta nos “restos” emocionais de uma experiência forte. Na segunda, é visto como quantidade de investimentos libidinais, o que reafirma mais uma vez a não relação entre o afeto e suas representações e as diferentes formas de manifestações. Freud acrescenta, ainda, em outros textos a noção de afeto como uma quantidade subjetiva de energia pulsional.

Laplanche e Pontalis (1970) definem o afeto por “(...) estado afectivo, penoso ou agradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral (...) O afecto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações”. (p.34)

Segundo estas afirmações, percebe-se, como dito anteriormente, a possibilidade do afeto ser visto por dimensões tanto quantitativas quanto qualitativas. Isto fica ainda mais claro, quando o luto é descrito a partir de uma definição ampla, caracterizada pela referência ao afeto tanto como um estado agradável quanto penoso. E mais, encontra-se nesta definição a idéia de afeto vinculada à noção de pulsão e representação. Freud (1917 [1915]) acrescenta em seu texto “Repressão”:

Geralmente, a expressão quota de afeto tem sido adotada para designar esse outro elemento do representante psíquico.

Corresponde ao instinto na medida em que este se afasta da idéia e encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos.

Considerando o pensamento de Freud (*idem*), acima citado, e do que foi dito anteriormente, observa-se claramente o vínculo do afeto com os conceitos de pulsão e representação. Em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915), para Freud (*idem*) a pulsão pode ser definida como sendo:

(...) conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico que se originam de dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo.

Com base nesta afirmação, pode-se inferir que Freud (*idem*) acreditava na pulsão, pulsão esta que Hinshelwood (1992) afirma ser de uma dimensão “(...) especialmente plástica e podem ser canalizadas para uma notável variedade de impulsos derivados”.(p.451), como sendo um representante psíquico, que é representado neste caso, pelo afeto. Este afeto assume tanto a dimensão quantitativa quanto qualitativa, afeto este enquanto representante de pulsão. No que diz do aspecto quantitativo, este é entendido como por um quanto de afeto que é conhecido por “energia pulsional”, “energia de investimento” ou “libido”. Já no que se refere ao aspecto qualitativo, Freud (*ibidem*) entende como sendo a questão subjetiva em relação ao que é sentido como afeto.

Já a representação, se apresenta como sendo o representante onde a pulsão recairá na atividade psíquica conhecida como recalçamento, sendo definida por Laplanche e Pontalis *Apud* Arraes (2000) como sendo “a representação ou o grupo de representações em que a pulsão se fixa no decurso da história do indivíduo, e por meio da qual se inscreve o psiquismo”. (p. 26)

Postos estes esclarecimentos sobre a noção de afeto e os conceitos a ele ligados, pode-se tentar aproximar a idéia do luto como afeto. Com base nas definições já mencionadas sobre o luto, o mesmo pode ser entendido sob duas perspectivas. A primeira é o afeto no sentido descritivo, como resultado do impacto de experiências

fortes pela perda de um objeto, o que possibilitaria o entendimento do luto como o afeto provocado pela ressonância da perda. A segunda perspectiva diz do luto como afeto, sendo este representante psíquico de uma pulsão, a qual se encontra investida na representação do objeto perdido. Freud (1917 [1915]) acrescenta em “Luto e melancolia” a afirmação de que a perda se dá por um objeto que foi investido libidinalmente e que não precisa ser um ser humano necessariamente.

Tem-se, então, o luto como afeto resultante do desinvestimento de uma quantidade de energia que antes era dirigida a um objeto que foi perdido. Arraes (2000) acrescenta que “com a perda do objeto amado, o quantum de afeto tem de se destacar da representação do objeto por meio daquilo que Freud vai chamar de” trabalho do luto” (p. 28). Assim, o entendimento do luto como afeto se dá tanto no que se refere ao impacto da perda, quanto em termos de economia de afeto da energia pulsional a ser desinvestida libidinalmente.

Após essa tentativa de entender o luto enquanto afeto, será abordado daqui pra frente o que diz respeito à vivência do luto enquanto dor.

Quando se fala de desinvestimento do objeto perdido ou da perda de um objeto amado, está se falando da vivência de um estado penoso. Em seu texto “Sobre a transitoriedade”, Freud (1916 [1915]) diz que “(...) esse desligamento da libido de seus objetos deve constituir um processo tão penoso (...)”, a acrescenta em “Luto e melancolia” que “Parece-nos também uma comparação adequada chamar a disposição para o luto de ‘dolorosa’” (1917 [1915]).

Posto estas elaborações freudianas, o fenômeno na compreensão do luto não parece estar muito claro para o autor, pois no decorrer de ambos os textos ele se mostra incapaz, momentaneamente, de explicar melhor a questão da dor no luto. Para a melhor compreensão deste fenômeno, mostra-se necessário os esclarecimentos das noções de angústia e de dor no luto e suas relações.

É de grande importância esclarecer, mesmo que de forma resumida, que a dor do luto que será abordado aqui não é de ordem corporal, e sim, de ordem psíquica, uma vez que não é causada por lesões físicas. Assim, Freud (1926) faz a comparação entre dor física e dor psíquica, sendo a primeira definida em “Inibições, sintomas e angústias” como “uma concentração de catexia no representante psíquico da parte do corpo que

está emitindo dor”. Já a segunda forma de dor (psíquica) diz respeito a um intenso investimento num objeto que foi perdido, causando a mesma sensação da dor física, a qual Freud *apud* Arraes (2000) afirma ser “a transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança de catexia narcísica para a catexia do objeto” (p. 34). Em ambos os casos, tanto na dor física quanto na psíquica, há a sensação de desprazer.

Isto posto, percebe-se a relação entre dor e luto no âmbito psicanalítico, pois ambos se referem a perda de um objeto amado, ou seja, partem da ruptura da ligação libidinal com um determinado objeto que rompe um vínculo, possibilitando que o trabalho do luto entre em ação, trabalho este onde a dor presente fixa-se pelo sofrimento, marca da ruptura das relações entre indivíduos.

Freud (1930 [1929]) considera a dor do luto como o sofrimento mais doloroso gerado nas relações entre as pessoas, pois o maior sofrimento se dá “pela perda do amor”, e o mesmo acrescenta:

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. (idem)

A partir desta elaboração de Freud (idem), pode-se inferir que o amor possibilita a proximidade do sujeito ao sofrimento, onde a perda de algo amado se torna penoso. Bowlby (1997) acrescenta, ainda, que os vínculos afetivos e os estados subjetivos ocorrem ao mesmo tempo, possibilitando que as mais intensas emoções humanas como: tristeza, alegria, ansiedade, entre outras, ocorreu “durante a formação, manutenção, rompimento e renovação de vínculos emocionais” (p. 98). Com isso, conclui-se que a perda do objeto amado significa também perder o amor por ele, o que torna a dor da perda dolorosa.

Ao se analisar o sofrimento como dor, os estudos de base analítica possibilitariam supor que o sofrimento surge com a perda do objeto amado, sendo visto aqui, de acordo com Arraes (2000) como “a dor do luto pelo amor do objeto e pelo próprio

objeto”. (p. 35). Considerando o que foi esclarecido acima sobre a noção de dor, é interessante ressaltar a relação deste com a angústia e com o luto.

Freud (1926) apresenta a angústia como sendo a ameaça pela perda do objeto, sendo está caracterizada pelo forte sentimento de desprazer. Com isso, percebe-se a relação da angústia com o luto e a dor, pois todos se referem a uma reação de caráter afetivo a uma situação de perda ou separação. Mas quando a perda de um objeto provoca angústia ou produz dor no processo do luto? Como se apresenta à diferença entre eles, sendo que ambos se referem à perda de algo ou alguém?

Freud (1926) expõe a situação em que a criança é apresentada a alguém que não seja a mãe, situação que possibilita a criança sentir falta da mesma. Esta falta ocorre segundo Bowlby (1997) pelo fato da criança aprender nos primeiros anos de vida a discriminar a figura da mãe, a qual gera um grande prazer na criança quando se encontra em sua companhia, e um grande desprazer e aflição quando a mãe está ausente. A reação da criança a está situação de falta se dá sob duas perspectivas: uma é a dor, onde a reação se dá pela perda real do objeto, ou seja, quando o objeto investido libidinalmente é realmente perdido. A outra perspectiva de reação é a angústia, onde apenas a percepção da falta do objeto amado é o suficiente para a criança sentir como se tivesse perdido o próprio objeto, o que gera uma reação pela perda da satisfação que o objeto proporcionaria, satisfação essa que Bowlby (*idem*) descreveria ser à busca da criança por amor e afeição “(...) dando-lhe o afeto que ele tanto deseja” (p. 22). E mais, Klein (1996) afirma que a criança vê a mãe como um objeto que satisfaz todos os seus desejos, e que quando este falta, a criança apresenta impulsos agressivos.

Posto isto, pode-se fazer uma diferenciação entre a dor e a angústia, onde o primeiro se dá pela perda real do objeto amado, que a partir do teste de realidade confirma que o objeto não existe mais, fazendo com que a dor compareça. Já o segundo ocorre em função da ameaça de uma perda, de forma que o perigo eminente de perder o objeto amado gera o estado de angústia. Bowlby (1997) vê a dor descrita acima como tristeza e a angústia por ansiedade.

Assim, Freud (1926) conclui que “A dor é assim a reação real à perda do objeto, enquanto a ansiedade é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do objeto”.

Contudo, o processo do luto se apresenta de forma dolorosa por ser responsável pelo desligamento do investimento do objeto que não existe mais, e Arraes (2000) acrescenta “isso leva ao conseqüente sentimento de desprazer identificado como dor, uma dor provocada pelo desinvestimento do objeto” (p. 37). Esse esvaziamento, como Freud (1917 [1915]) afirma em luto e melancolia, provoca a perda de interesse pelo mundo exterior, desinvestimento esse que é sentido como penoso. A dor do luto também se dá pelo superinvestimento no objeto e suas representações que Freud (*idem*) afirma ser necessário para que o trabalho do luto ocorra.

Nesse ponto, infere-se que a dor do luto ocorre não só pelo desinvestimento no mundo externo do sujeito, como também pelo superinvestimento no objeto e nas representações dele. E mais, Bowlby (1997) acrescenta que o luto possui características como: “ansiedade e protesto, desespero e desorganização, desligamento e reorganização (...)” (p. 77) em resposta a uma perda, o que possibilita verificar mais uma vez características que geram dor e sofrimento.

Posto isto, o trabalho do luto consiste no desinvestimento do objeto amado que foi perdido e no reinvestir no mundo exterior possibilitando que o sujeito dirija o investimento libidinal a outros objetos, e é sobre este trabalho de luto que irá se desenrolar o próximo capítulo.

3.2 O trabalho do Luto

O “trabalho de luto” é definido por Freud (1917 [1915]) como um processo que se dá a partir do momento em que o sujeito perde o objeto amado, e o mesmo precisa deslocar uma quantidade muito grande de energia para o *eu* numa tentativa de superinvestir nas lembranças e representações deste objeto perdido. Posterior a esse processo de presentificação do objeto no *eu* do sujeito, que se encontra mobilizado pela dor da perda, torna-se possível que o mesmo desligue todas as lembranças e esperanças relacionadas ao objeto que não mais existe, para que ele possa voltar a investir no exterior, ou seja, deslocar libido para outros objetos.

Este processo de luto é caracterizado, a partir da comparação com a melancolia, por Freud (*idem*) como:

(...) a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda de capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significa substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele.

A partir do momento em que o “trabalho de luto” é entendido como um processo psíquico árduo, frente a inibição do indivíduo perante seu *eu*, pode-se dizer que Freud (*ibidem*) compreende o luto como uma mobilização de energia psíquica tão grande, na qual o *eu* fica alheio a qualquer outro trabalho, e o mesmo acrescenta: “É fácil constatar que essa inibição e circunscrição do ego é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses.”

O trabalho do luto é um trabalho psíquico que, como dito anteriormente, faz-se necessário a partir da perda de um objeto que foi investido libidinalmente, provocando assim, a elaboração psíquica do luto. Esta elaboração é responsável, segundo Laplanche & Pontalis (1970) pelo “trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação ameaça ser patogênica” (p. 196). Além disso, os mesmos autores (*idem*) afirmam que de uma forma mais específica, à elaboração se daria a partir de associações que provoca a “transformação da quantidade de energia que permite dominar esta, derivando-a ou ligando-a” (p. 196). É de grande importância este esclarecimento de como se dá essa

elaboração psíquica, pois é o que faz com que o aparelho psíquico se ponha a trabalhar.

Posto isto, pode-se dizer que o trabalho do luto se apresenta a partir de um trabalho de elaboração psíquica, na qual ocorre uma transformação da quantidade de energia investida num determinado objeto. Essa transformação se dá diante da perda de um objeto amado no psiquismo humano que consiste no teste (ou prova) de realidade.

Laplanche e Pontalis (1970) afirmam que a prova de realidade se dá por um processo “que permite ao indivíduo distinguir os estímulos provenientes do mundo exterior dos estímulos internos, e evitar a confusão possível entre o que o indivíduo percebe e o que não passa de representações suas (...)” (p. 490). E Freud (1916 [1915]) acrescenta que este teste de realidade mostra a dura e cruel realidade de que o objeto não existe, tornando-se necessário que a libido investida neste objeto seja retirada, e mais “(...) Normalmente, prevalece o respeito pela realidade, ainda que suas ordens não possam ser obedecidas de imediato. São executadas pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido”.

Considerando as colocações acima, pode-se inferir que o teste de realidade é a fase do “trabalho de luto” que consiste em retirar o investimento libidinal que liga o sujeito ao objeto perdido. Para que a realidade se torne verdadeira no psiquismo do sujeito, ou seja, para que a morte ou perda do objeto seja entendida pelo psiquismo, é necessário que se gaste uma grande quantidade de energia libidinal, tornando assim, o teste de realidade possível.

Cabe aqui ressaltar que o teste de realidade é um processo progressivo que não ocorre de uma hora para outra, ou seja, é um movimento lento que se dá a partir de um acordo entre o *eu* e a realidade material, o que possibilita o início do trabalho de luto. Apenas quando há um superinvestimento no objeto perdido a partir do teste de realidade, que se é possível o desinvestimento no objeto. Como diria Zimerman (2001) “Isto está de acordo com o fato de que o trabalho do luto consiste no fato de que a libido investida no objeto perdido necessita ser desligada das lembranças, fantasias e esperanças que cercam a ligação” (p. 254)

Com base no que foi dito, percebe-se a grande importância do teste de realidade no processo psíquico do luto, pois é a partir dele que se permite que o sujeito diferencie representações e lembranças do objeto que se encontra no psiquismo, do que é realmente percebido na realidade material. Neste caso, a percepção de que o objeto não mais existe, gera a possibilidade de se fazer essa diferenciação, consentindo que o psiquismo do enlutado modifique “seu mundo interno (realidade psíquica) em função dessa perda que se deu no mundo externo (realidade material)” (Arraes, 2000, p.43). Este processo fica ainda mais claro quando Freud (1917 [1915]) afirma que “Cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”.

Assim, pode-se dizer que o trabalho do luto consiste num confronto entre a realidade psíquica e a realidade material. Como diria Klein (1996) é um confronto que se dá entre o mundo interno e o mundo externo do sujeito. Esse confronto se constitui numa tentativa de manter o sujeito num movimento em busca de sobrevivência, como diria Freud (1916[1915]) em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, o sujeito investe a libido em si em busca de viver. Outro confronto que se dá a partir deste processo, e que está relacionado com o que foi dito acima é “o duelo entre o amor a si e o amor ao outro ser perdido” (Arraes, 2000, p.44).

Quando se perde o objeto amado, a libido que foi investida no mesmo, como explicitado anteriormente, precisa ser desligada para que o *eu* esteja livre para reinvestir no mundo externo, ou seja, o trabalho do luto consiste no desamor pelo objeto que morreu ou se foi. Freud (1916[1915]) acrescenta que isso ocorre pelo amor que o sujeito tem por si, ou seja, ao amor narcísico que mantém o mesmo vivo. E mais:

É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento. Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. (idem)

Posto isto, Freud (*ibidem*) afirma que os sintomas que caracterizam o luto como perda de interesse pelo mundo externo, capacidade de reinvestir em outros objetos, entre outros, se apresenta no *eu* do enlutado a partir de um superinvestimento narcísico, é o que possibilita o esclarecimento da retirada do investimento narcísico que se apresenta durante o trabalho do luto. Em “Sobre o narcisismo: uma introdução” Freud (*ibidem*) deixa isso claro quando afirma que:

A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo (...). Devemos então dizer: o homem enfermo retira suas catexias libidinais de volta para seu próprio ego, e as põe para fora novamente quando se recupera.

Todas essas elaborações freudianas permitem que se suponha que o *eu* faça aqui uma conversão, apenas por um determinado tempo, da libido do objeto em libido narcísica, o que ocorre pela incapacidade do eu fazer os dois tipos de investimento ao mesmo tempo, quando ocorrem em grande quantidade. Laplanche & Pontalis (1970) afirmam que isso ocorre porque existe “(...) uma balança energética entre estas duas modalidades de investimentos, em que a libido objetal diminui quando aumenta a libido do ego, e inversamente” (p. 345).

É de grande importância se esclarecer que a libido narcísica que está sendo abordada aqui, não diz da identificação narcísica como ocorre no melancólico, onde a libido permanece orientada para o próprio eu do sujeito, como se a sombra do eu caísse sobre o próprio eu, e sim, diz da migração de libido, que se desloca temporariamente para o eu até que este se ‘recupere’, ou seja, volte a investir em outros objetos.

Considerando o que foi dito até agora, percebe-se a utilização constante dos termos amor e libido relacionados aos termos capacidade de amar e investir em objetos, o que possibilita uma pequena reflexão sobre a relação do luto com estes termos.

Segundo Freud (1921), o conceito de libido está relacionado a uma força do amor (*liebeskraft*), ou seja, a libido diz respeito a tudo o que se relaciona ao amor. Freud (1916 [1915]) em “Sobre a transitoriedade” apresenta a libido como uma “certa dose de capacidade para o amor”, e mais, Laplanche & Pontalis (1970) acrescentam que “a

libido é uma expressão tirada da teoria da afectividade. Chamamos assim a energia, considerada como uma grandeza quantitativa – embora não seja actualmente mensurável – das pulsões que se referem a tudo o que poderíamos entender sob o nome de amor” (p. 343).

Depois de finalizado o trabalho do luto que se dá num trabalho psicológico a partir da capacidade de amar e de ter desamor pelos objetos que são perdidos, o *eu* do enlutado se encontra disponível para investir em outros objetos. Freud (1921) nos permite, assim, compreender o luto através deste trabalho psíquico marcado pela movimentação da libido entre o *eu*, objeto perdido e outros objetos que se apresentam como possíveis para serem investidos. Ou seja, o objeto de amor (investido) não existe mais, possibilitando que o *eu* do enlutado se torne desimpedido para amar outros objetos ou para manter por um determinado tempo a libido no eu.

O conceito de libido se mostra ainda mais claro quando Freud (1921) afirma que:

Libido é a expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que tem a ver com tudo o que pode ser abrangido sobre a palavra ‘amor’. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome ‘amor’ – por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas.

Relacionando o que foi dito com as idéias de Freud (1921) sobre o luto descrito acima, pode-se considerar o luto a partir de uma libido que é de difícil renúncia por parte do enlutado pelos objetos no qual o mesmo desenvolve uma capacidade para amar, ou seja, amor e libido, se apresentam como sinónimos nesse processo que migra libido de objetos perdidos para o *eu* ou para os outros objetos que se apresentam no mundo exterior.

Da forma como foi exposta a relação do luto com os termos libido, amor, capacidade de amar e de investir, pode-se afirmar que o mesmo diz respeito a uma busca de novas possibilidades de investimento a partir do desinvestimento de objetos

perdidos, abrindo espaço para o investimento de novos objetos, numa constante capacidade que o sujeito tem de amar (investir libido) e de manter-se vivo.

CONCLUSÃO

Pensar e escrever sobre o trabalho do luto proporcionou a leitura reflexiva deste fenômeno como uma possibilidade que todo o ser humano pode vivenciar, pois enlutar-se é um processo de transformação psíquica do sujeito que o permite deparar-se com a falta do objeto amado.

Como pode-se perceber ao longo deste trabalho, o luto não é exatamente um fenômeno exclusivo de estudo do pensamento freudiano, nem das elaborações com base analítica, pois o mesmo sempre é apresentado em comparação a outros temas, como a estrutura melancólica, e até mesmo, a neurótica, o que, por vezes, dificulta uma melhor apresentação do foco deste trabalho, o luto. Pode-se supor que a escassez de estudos na área sobre perdas e luto, até os dias de hoje, pode-se dar pelo medo da abordar a morte como uma condição humana universal, em especial na civilização ocidental, que apresenta grandes dificuldades em falar sobre o assunto. Assim, o concreto medo de falar sobre a morte pode pontuar a origem dos conflitos psíquicos gerados por uma perda.

A primeira consideração feita neste trabalho foi o que diz respeito ao conceito de luto abordado por diferentes autores como Freud, Klein e Bowlby. Freud, inicialmente apresenta o luto como sendo pensado a partir de sua “normalidade”, normalidade no sentido de que pode acontecer com qualquer pessoa a qualquer momento, e que por ser uma estrutura tão bem explicada pela teoria analítica, a mesma não se apresenta como uma estrutura patológica. Foi essa visão freudiana de luto, caracterizado como um processo que tem lugar a partir da perda de um objeto investido libidinalmente, que possibilitou outros autores dissertar sobre o assunto.

O pensamento Kleiniano, conforme abordado neste trabalho, diferencia-se da visão de Freud sobre o luto, por ser entendida como um processo psíquico patológico, que apesar de se apresentar a partir da perda do objeto amado, desencadeia e/ou reativa no sujeito uma posição depressiva infantil, onde inicialmente a criança e, posteriormente, através de repetições, os adultos, lutam para que os objetos internos sejam mantidos no seu mundo interno.

Já Bowlby, apresenta uma visão psicobiológica quanto a questão do luto, a partir de estudos com animais, acreditando em um luto que tem lugar a partir da perda do vínculo entre o sujeito e o objeto amado. Percebeu-se, com este esclarecimento, que mais do que diferenças apresentadas, os autores se complementam, possibilitando uma visão geral do conceito do luto de uma forma mais sistêmica.

Esclarecido o conceito do luto, o presente trabalho no segundo capítulo, abordou a investigação dos investimentos e identificações que o sujeito faz ao longo da vida, desde a ligação destes conceitos até a distinção entre os mesmos. Da forma como foi elucidado, os investimentos e identificações num primeiro momento são indistinguíveis um do outro, apenas quando a criança precisa parar de investir no primeiro objeto de amor (a mãe) para poder se identificar com o outro (no caso do menino, o pai), na tentativa de não perdê-lo, é que eles se apresentam como conceitos diferentes. É nessa possibilidade de perda de objeto de amor, que a partir de investigações teóricas, verificou-se que não há como abordar a questão perda/luto, sem antes esclarecer como ocorreu o investimento nos objetos que futuramente serão perdidos. Este capítulo, portanto, destinou-se a desempenhar o papel de objetivar e esclarecer estas relações.

Num segundo momento deste mesmo capítulo, a partir das elaborações de Melanie Klein, a qual esclareceu de forma mais apurada a questão das perdas na infância, assunto pelo qual Freud não demonstrou muito interesse, procurou-se relacionar o retorno que o sujeito faz à posição depressiva infantil na busca de reativar os objetos bons perdidos na infância. O sentimento que possibilita a reativação desta posição no adulto (neurótico) é a culpa que o mesmo carrega ao longo de sua vida, por em algum momento da infância ter desejado, mesmo que de forma inconsciente, a morte dos pais, objetos investidos dos quais identificações foram introjetadas, e objeto pelo qual o sujeito passa o resto da vida buscando a satisfação e prazer que o mesmo proporcionou, em outros objetos. Com isso, pode-se supor que o luto na vida adulta reativa a posição depressiva infantil numa tentativa de trazer de volta os pais, ou seja, os primeiros objetos de amor.

Contudo, é nesse sentido que se pode caracterizar a idéia da vivência do luto pelo afeto e dor. Com base nas primeiras elaborações freudianas, o luto aparece como protótipo afetivo ou afeto normal, onde tal conceito assume tanto uma questão

qualitativa quanto quantitativa, sendo a primeira expressão, em termos descritivos, o resultado de um impacto emocional de grande força que assume uma dimensão psíquica, representada pela morte do objeto amado. Já a expressão quantitativa, refere-se a um luto de dimensão afetiva devido à quantidade de energia que se desloca do objeto amado perdido para outros objetos.

Da mesma forma que o luto pode ser entendido como afeto normal, o mesmo também pode ser relacionado a uma vivência dolorosa que se apresenta a partir da ruptura de laços afetivos entre os seres humanos, dado pela morte ou perda do objeto de amor, deixando a dor como marca dessa ruptura. A partir da análise da teoria com base analítica, percebe-se a dor do luto revelado de forma obscura, pois ambos se apresentam relacionados, possibilitando arriscar a afirmação de que o luto é a própria dor do luto.

A partir da comparação entre dor, luto e angústia, entende-se a dor do luto como uma reação à perda que mobiliza a sensação de desprazer gerado pela necessidade, apresentada durante o luto de desinvestir no objeto amado que foi perdido, para reinvestir em outros objetos.

E por fim, num segundo momento deste mesmo capítulo, apresentou-se a idéia, mesmo que de forma resumida, acerca da forma como o trabalho do luto se organiza no psiquismo do sujeito. O processo do luto foi descrito como um processo de elaborações psíquicas no que diz respeito à modificação do investimento libidinal num objeto, numa tentativa de redirecioná-la para outros objetos que se apresentam como possíveis para serem investidos. Mas, este processo não se dá apenas pela possibilidade de investimentos, superinvestimentos e reinvestimentos, é algo muito mais complexo, pois só ocorre com o “consentimento” do teste de realidade, segundo o qual há uma apresentação da realidade que aponta a perda ou morte do objeto como real no psiquismo do indivíduo. Assim, configura-se um duelo entre realidade material (mundo externo) e realidade psíquica (representações do objeto perdido).

Tal como apresentado aqui, a noção de trabalho do luto implica numa elaboração psíquica onde há migração de libido que se desloca do objeto de amor perdido para os objetos que se apresentam na realidade, o que possibilita dizer que é um trabalho bem

sucedido, pois caso não se apresente de forma bem sucedida deixa de ser luto, e se apresenta como melancolia, ou seja, trabalho melancólico, e não trabalho de luto.

Mesmo não tendo sido abordado a questão cultural do luto neste trabalho, cabe aqui ressaltar que o luto não se revela apenas em sua realidade psíquica. Algumas elaborações freudianas como o “Mal-estar da civilização” e “Totem e tabu” nos permitem investigar o luto também como uma manifestação cultural; cultural pois está relacionado às vivências diferenciadas, dependendo do contexto sociocultural em que o enlutado está inserido.

Com estas afirmações, não significa que está se apresentando duas visões analíticas diferentes para o luto, onde uma é intrapsíquica e a outra cultural, e sim, de uma interação entre estes elementos operando modificações tanto na realidade psíquica do sujeito que progressivamente tem que se haver com a perda, quanto à realidade social que prepara novos objetos para serem investidos. Ou seja, essa visão freudiana possibilita pensar num trabalho do luto inserido no contexto social do sujeito que necessita da confirmação da perda para a manutenção da vida, isso influenciado é claro, pela forma como cada cultura enxerga a morte ou perda de objetos amados.

Apesar desta colocação fugir um pouco do tema focal deste trabalho, é de grande importância o esclarecimento de como a questão cultural e social influencia a dimensão intrapsíquica do luto enquanto vivência, o que possibilita o psicólogo compreender o luto de uma forma mais ampla.

Da forma como foi exposto o luto neste trabalho, pode-se perceber que apesar dos poucos escritos sobre o assunto, os pensamentos freudianos e demais teorias de base analítica, possibilitam aos psicólogos, independente da área atuante (clínica, organizacional, hospitalar, educacional, etc) uma gama de possibilidades de suporte teórico para o trabalho com pessoas enlutadas, que se bem utilizados possibilitarão a articulação de novos caminhos de investigação. Assim, apesar de se conhecer a finitude do tema luto, este trabalho procurou minimamente despertar o interesse para o tema, numa tentativa de garantir, como diria Freud, “a transitoriedade” do estudo em questão, não numa tentativa de lidar com a totalidade do tema, e sim, de ampliar a compreensão do processo do luto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Ana Kerinna de Melo Santiago. *Cenários do luto: um estudo de elaborações freudianas*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2000.

BOWLBY, John. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo: Martins Fontes, 1982-1997.

_____. Apego e perda. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

FREITAS, Neli Klix. Luto materno e psicoterapia breve. São Paulo: Summus, 2000.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre histeria (1895). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Inibições, sintomas e angústia (1926). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Luto e melancolia (1917 [1915]). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. O Ego e o superego (1923). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. O Mal-estar na civilização (1930 [1929]). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Psicologia de grupo e análise do eu (1921). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Rascunho G. Melancolia (1950 [1895]). Em: Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Rascunho K. Neuroses (1950 [1896]). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Sobre a transitoriedade (1916 [1915]). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

_____. Sobre o narcisismo: Uma introdução (1916[1915]). Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.

HINSHELWOOD, Robert D. Dicionário do Pensamento Kleiniano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921 - 1945). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Baptiste. Vocabulário da Psicanálise. Santos: Martins Fontes, 1992.

OLIVEIRA, Tereza Marques de. O psicanalista diante da morte. São Paulo: Mackenzie, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLEON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.